

Apontamentos de Linguística I

Linguística

Linguística é a área de estudo científico da Linguagem humana e das línguas naturais (línguas que podem ser aprendidas como língua materna). É considerado linguista o cientista que se dedica aos estudos a respeito da língua, fala e linguagem. A pesquisa linguística é feita por filósofos e cientistas da linguagem que se preocupam em investigar quais são os desdobramentos e nuances envolvidos na linguagem natural.

Quando se fala em linguagem humana é o mesmo que dizer atividade que nasce da existência geneticamente determinada da faculdade de linguagem. Sabemos que esta faculdade da linguagem é um mecanismo universal, o que implica que a gramática das línguas também o seja, podendo afirmar-se que as línguas têm propriedades comuns (universais linguísticas).

Como aprendemos a falar? Quais as características comuns e as que diferenciam as línguas? Como se relaciona o uso da língua com a atividade do nosso cérebro? Por que variam as línguas, por que desaparecem umas e surgem outras?

Estas são algumas perguntas às quais a linguística pretende dar resposta.

1) Quais são os domínios de análise linguística?

A linguística reconhece, de forma mais ou menos estável, um conjunto de diferentes disciplinas. Em alguns casos, as disciplinas (domínios de análise) são fundadas a partir da identificação de unidades de análise (para os sons, a **fonologia** e a **prosódia**; para as palavras, o **léxico** e a **morfologia**; para as frases a **sintaxe**; e para o texto, a **linguística textual**). Noutros casos, a identificação das disciplinas assenta na atenção dada à construção do significado dos enunciados (como a **semântica** e a **pragmática**). Noutros ainda, a linguística pode centrar a sua atenção no conhecimento da variedade linguística dominante, designado como norma-padrão, ou no estudo da **variação**, quer no tempo, quer no espaço.

2) Quais são as unidades de análise?

As mais pequenas unidades que se analisam na linguística são os **sons**. Para os estudar é necessário que o contínuo sonoro seja registado, o que, em geral é feito por transcrição fonética. Os **fonemas** (vogais que ao serem substituídas por outras vogais numa sequência de sons, criam uma nova palavra) são unidades pertencentes ao domínio da fonologia e prosódia. O domínio da prosódia contribui para o ritmo, intensidade e entoação. A unidade menor da prosódia é a **sílaba**.

Um outro tipo de unidades linguísticas é o das **palavras**. Delas se ocupam os domínios da lexicologia e morfologia. As unidades lexicais são os **radicais**, **afixos**, **palavras** e **expressões sintáticas**, **neologismos**

Para construir um enunciado, as palavras combinam-se em **frases**, mas a sua relação não é direta: as palavras constituem-se como unidades de uma unidade maior, os **sintagmas**.

Hipótese de Sapir-Whorf

A hipótese original foi formulada por Edward Sapir e pelo seu discípulo Benjamin Lee Whorf – existe uma relação sistemática entre as categorias gramaticais da língua e a forma como os seus falantes vêem o mundo, ou seja, a visão do mundo encontra-se determinada pela estrutura da língua.

Pode-se distinguir uma formulação forte e uma mais fraca:

Hipótese forte: A língua determina a realidade. Ou seja, o pensamento está modelado pela língua.

Hipótese fraca/moderada: Uma determinada língua exprime os conteúdos de pensamento de uma dada cultura. Ou seja, a língua tem influência na forma como o sujeito conceptualiza e memoriza a realidade. Cada língua “recorta” e exprime a realidade de uma maneira específica.

3) Como se explica então que diferentes povos falem uma mesma língua, se cada língua determina uma cultura ou maneira de pensar diferente (segundo a hipótese)?

Tomando como exemplo o Português Europeu e o Português Brasileiro é fácil compreender que, quer por motivos históricos (a colonização), quer pela herança que Portugal partilha com o Brasil, quer pela vontade de ambos os povos em manter a conexão, estas diferentes culturas partilhem a mesma língua. Outro exemplo deste fenómeno é o latim, que ao longo do tempo, por ter sido amplamente difundido, foi falado por diferentes povos e sofreu muitas variações. Línguas românicas como o Português, Espanhol, Francês, Italiano, Romeno, e tantas outras derivam do latim.

A) Exemplo para entender a versão forte:

Diferentes línguas têm a nível semântico, palavras que não podem, de forma simples, ser traduzidas para outras línguas. Essas palavras, por motivos culturais e históricos apresentam um significado que outras línguas não encontram. Por exemplo, o Finlandês tem imensos termos para designar vários tipos de neve; isto não se verifica em maior parte das línguas. Assim sendo, a linguagem produz o pensamento e condiciona a cultura.

B) Outro exemplo para confirmar a hipótese:

No estudo de línguas indígenas norte-americanas, Sapir-Whorf verificaram a ausência de tempo na língua Hopi – ou seja, essa língua não dispunha de palavras ou estruturas gramaticais que exprimissem a ideia de passagem de tempo. Sugeriram então que isso significava que os falantes de Hopi não eram capazes de pensar no tempo. Uma consequência desta descoberta seria admitir que as palavras provocam e moldam o pensamento.

C) Mais um exemplo:

O povo português (europeu e brasileiro) contém no seu vocabulário uma palavra única – saudade. Isto significaria que só os portugueses são capazes de sentir a saudade.

Atenção:

Os argumentos A, B e C, utilizados para demonstrar que a linguagem forma o pensamento, ou estão errados ou não são suficientemente esclarecedores para provar que de fato a linguagem cria o pensamento.

No exemplo A entende-se que o povo Finlandês tenha muitos termos para designar a neve. A localização geográfica da Finlândia dentro de um clima de temperaturas muito baixas fez com que tivessem essa necessidade. Mas isso não quer dizer que os finlandeses não pudessem, antes de criar essas palavras, pensar nos diferentes tipos de neve.

No exemplo B o fato de na língua Hopi não existir palavras ou estruturas gramaticais para referir o tempo não quer dizer, de maneira nenhuma, que essa tribo não seja capaz de pensar no hoje, no daqui a pouco, no amanhã, ou no passado. Pode querer dizer, por outro lado, que para isso, os falantes da língua hopi, tenham de recorrer a formas mais complexas de forma a passar o conceito de tempo, do pensamento para as palavras.

No exemplo C o argumento apresentado não podia ser mais errado. A língua portuguesa apresenta, de fato, uma palavra única para referir o sentimento de falta – a saudade. No entanto, isso não significa que o povo português seja o único, em todo o mundo, capaz desse sentimento. Apesar de outras línguas não terem um termo tão específico, têm, por outro lado, outros termos para designar a saudade, e mesmo que não o tenham, isso não quer dizer que não possam sentir saudade.

Renúncia à hipótese de Sapir-Whorf segundo reflexões proporcionadas pelas cores:

Foi comprovado, por exemplo, que certas comunidades, embora não dispoñdo de vocábulos na sua língua, correspondentes a algumas cores, não têm problemas para ver essas cores e sabem até distingui-las de outras. Mesmo que as línguas sejam tão diferentes quanto ao nº de cores para as quais têm um nome específico, a maioria delas dispõe nos seus léxicos, vocábulos para algumas cores básicas, como branco, preto, vermelho, verde, amarelo e azul.

4) Poderá isso dizer que os povos que falam línguas que apenas têm duas palavras para designar cores só distinguem visualmente essas duas cores?

A constatação de que a nomeação das cores não é arbitrária foi feita por Berlin e Kay, antropólogos que observaram regularidades na forma como diferentes línguas designavam as cores, a partir dos termos base de cores. As línguas não têm todas, o mesmo nº de cores base e cada língua retira os seus termos de cores desta lista de cores base. Algumas línguas usam os onze termos base e outras como o Dani, na Nova Guiné, utilizam apenas dois. Isto não significa que este povo não consiga descrever as diferentes cores, mas sim que, para o fazerem, têm de recorrer a estruturas mais complexas do que a nomeação. Uma língua como o Dani não apresenta cores aleatórias mas sim as duas primeiras da hierarquia, o preto e o branco. Assim sendo, a língua não determina o pensamento, o pensamento determina a língua.

Universalismo e Relativismo linguísticos

O pensamento subjacente às reflexões de Whorf exprime aquilo que é designado por **relativismo** linguístico – conceção segundo a qual as diferenças estruturais das línguas correspondem a, ou implicam, a diferentes aspetos cognitivos e a diferentes visões do mundo.

A este relativismo opõe-se uma perspetiva **universalista**, que defende que as línguas são veículos do pensamento e expressões de culturas, mas também sistemas autónomos, diferentes daquilo que referem.

Estas duas perspetivas permitem-nos refletir sobre as línguas em si mesmas, mas também sobre as possibilidades e os limites da tradução, os valores expressivos de determinados vocábulos dentro de cada língua, etc.

No decorrer dos estudos linguísticos confrontam-se duas correntes:

1. A que considera as línguas individualmente (**relativismo**)
2. A que considera que o ser humano já vem equipado para adquirir a linguagem, não importa qual seja. Segundo esta teoria, o homem possui algum dom inato que lhe permite reconhecer rapidamente certos elementos linguísticos, presentes em qualquer língua: os universais linguísticos. (**universalismo**)

A tese da **relatividade linguística** nega a existência de universais nas línguas humanas. Para os relativistas, cada língua é única e tem que ser descrita como tal (“A maneira como eu vejo as coisas, é a maneira como elas existem para mim e a maneira como outro vê as coisas, é a maneira como elas existem para ele”) Quer dizer que não há verdade ou que a verdade depende de cada um.

Segundo Benjamin Lee Whorf, o mundo não tem estrutura própria; a estrutura é imposta pela linguagem. A aprendizagem de outra língua significa criar uma nova realidade, um mundo novo, onde tudo é completamente diferente. Whorf critica a influência que a lógica formal tem na época sobre a ciência da linguagem, **recusa a teoria de uma gramática universal, tal como recusa os princípios universais do pensamento.**

A dificuldade em traduzir com exatidão uma frase, mesmo entre línguas próximas como as indo-europeias ocidentais, é um argumento para reforçar a teoria relativista.

O linguista e antropólogo norte-americano Edward Sapir e o seu discípulo B. L. Whorf eram herdeiros de uma tradição do pensamento europeu, que embora não negasse a existência de universais, enfatiza o valor positivo da diversidade linguística e cultural, sem deixar de lado os princípios de relativismo.

A hipótese de Sapir-Whorf é associada ao relativismo linguístico. Esta hipótese combina determinismo linguístico com relatividade: a língua determina o pensamento e não há limites para a diversidade estrutural das línguas.

Esta hipótese é considerada forte, mas não exclui a possibilidade do bilinguismo nem da tradução. Não existe nem determinismo extremo nem relatividade extrema a esse ponto. É, no entanto, possível considerar uma versão mais fraca. Esta versão moderada (descrita em cima) pode ser explicada, por exemplo, **pelo não isomorfismo de vocábulos pertencentes a diferentes línguas, ou pelas realidades mais facilmente codificáveis numa língua do que noutra.**

O problema da tradução exata é difícil e, às vezes, impossível, pelo **não isomorfismo** lexical e gramatical. Por exemplo, o esquimó não dispõem de uma única palavra para neve e sim diversas, uma para cada modalidade de neve, devido à importância que este elemento tem na sua cultura.

Vocabulário culturalmente condicionado é responsável pelos fossos lexicais (realidades que existem numa língua mas não existe correspondência noutra). Pegando no exemplo do esquimó, cuja cultura tem muitas palavras para neve, o mesmo não acontece noutras culturas. Assim sendo, estamos perante vocabulário culturalmente condicionado (vários tipos de neve) que criam os fossos lexicais noutras línguas. Daqui se conclui que as palavras nascem conforme a necessidade de as utilizar.

Contrariamente aos relativistas, que defendem a teoria de que cada língua corresponde a uma cultura e, na sua versão mais forte, a tradução seria impossível, os **universalistas** acreditam que todas as línguas humanas possuem propriedades comuns, mesmo não tendo tido qualquer contato que permita atribuir essas características comuns à difusão cultural.

Se a linguagem humana é um mecanismo que faz parte da **genética**, mais concretamente da **faculdade da linguagem**, então, podemos concluir que este **mecanismo é universal**. Uma vez que isto acontece, a **relação entre a linguagem e a gramática das línguas é, também, universal**. Isto implica que **todas as línguas possuem propriedades comuns denominadas universais linguísticas.**

Entre as várias **universais linguísticas** contam-se, por exemplo: os traços fonéticos fixos que podem ser usadas pelas línguas naturais; os elementos fundamentais na frase, como o sujeito, o verbo e o predicado (que se encontram na estrutura sintática subjacente a qualquer língua); os elementos lexicais para designar pessoas, como certos objetos relacionados com o ser humano, certos comportamentos, certos sentimentos;